





CONFERÊNCIAS

"Santa Clara-a-Velha de Coimbra" pelo professor sr. Tomás da Fonseca

Na sala da Universidade Livre, realizou-se ontem o eminente professor e publicista, sr. Tomás da Fonseca, a sua primeira conferência "Santa Clara-a-Velha de Coimbra". A's 21,30 horas, o dr. sr. Xavier da Costa, presidente da Associação dos Arqueólogos, tendo a secretária-lo o sr. A. C. Mena Junior, soube da mesma instituição, abre a conferência justificando os motivos porque a sua realização se não efectua na sede da Associação dos Arqueólogos; enaltece o valor do tema escolhido e afirma a quasi desnecessidade de fazer a apresentação do professor Tomás da Fonseca, tão conhecido é pelas suas obras literárias e pelo seu amor à arte e ao progresso.

Dito isto, dá a palavra ao illustre conferente. Este apresenta o seu trabalho subdividido nos seguintes capítulos:

I. Apresentação do assunto; II. Movimento intelectual e artístico do renascimento; III. Origem e expansão do estilo gótico; IV. O romantismo na península — primeiro renascimento ocidental; V. Santa Clara-a-Velha de Coimbra — seu valor histórico, artístico e arqueológico; VI. As naveas misteriosas; VII. A rainha Isabel no folclore; VIII. Plano de limpeza e consolidação; IX. Suntuarismos e rezações; X. Conclusão.

Com uma entonação e ritmo sugestivos, o orador inicia a sua brilhante oração por um verdadeiro e sublime cântico à arte, de carinhoso pelo povo que, através das gerações passadas a tem fomentado. E prossegue:

"O impulso generoso que constituiu, na Europa, repúblicas, comunas e ligas de várias naturezas e amplitudes, contra a feudalidade, tinha que prosseguir até a emancipação individual. A época onde nos encontramos, procurou, com inteligência e audácia — que nem sempre andam juntas, — realizar, no ocidente, este programa novo.

O humanismo que, para uns, foi apenas um pretexto para falar belo latim e para outros a continuação da obra diabólica do desvirtuamento da ciência, a sombra do pecado original, atingiu finalmente o seu significado verdadeiro, qual fosse o de arrancar o indivíduo ao meio absorvente das velhas fórmulas teológicas, pelo nobilitante esforço que a sua própria iniciativa, ao mesmo tempo que o ia libertando dos múltiplos e variados obstáculos, provenientes das leis e dos costumes.

Humanismo que, em verdade, encontrou a sua lei e o seu caminho, na aspiração de conseguir tudo o que fosse humano, tudo o que levantasse e homem aos seus próprios olhos, mostrando-o não só no culto dum bela linguagem, mas ainda no exercício de todas as virtudes — nobres, generosas, magnânimas.

Os que, a esta época, insuflaram tanta vida, intelectual, moral e económica, sabiam bem que, se na Helada e em Roma floresceram grandes culturas das letras e das artes, foi porque um alto pensamento os animou.

Este renascimento, ou, como querem outros, esta revolução teria, na verdade, intuídos essencialmente religiosos? Não seria difícil demonstrá-lo, para o que bastava acompanhar de perto o pensamento medieval, que procurou manter sempre, e através de tudo, o dogma fundamental da queda, pelo fruto vedado.

Ora é nesta época que o homem, vítima secular desse pecado, retoma a sua primitiva autonomia, reivindicando, para ele e para a sua descendência, o direito de não sofrer, livremente, qualificação com que quer que qualquer um dos seus agentes, os seus órgãos dos seus membros, os seus primeiros, as árvores de qualquer ver-se e, mais, se lhe oferecessem à mão, tentado-lhe os sentidos.

Foi nesta época e com estes, diz um notável sociólogo, que a ignorância e a incógnita deixaram de ser sinónimos.

O artigo das *Benevolenturas*, que até aí exaltava os que procuravam o seu pela pobreza do espírito, foi substituído por aquele que, já no tempo de Averroes, ensinava que a religião própria dos filósofos deve consistir no estudo de tudo quanto existe.

Debaile se haviam suprimido, nas edições latinas de *Metafísica* desse grande comentador de Aristóteles, as passagens que ao estudo da natureza chamavam o mais nobre dos cultos e à religião que tal preceituava, a melhor de todas elas.

As palavras são como as sementes. Só se perdem as sementes, não vingam as estériles. Estas, pois, tinham vingado e produzido como o trigo caldado.

"Les mille ans de crasse", como escreveu Michelet, atingiam, finalmente, o seu termo.

"La vermine, les ulcères, les plaies furent en honneur; on se fit gloir d'élever vers Dieu des mains purulentes, d'appeler son regard sur des membres atrophés ou decoulant de sang."

Mas era o fim, ou pelo menos, os últimos recontros violentos.

O dogma terrível, que tinha apodrecido o mundo cristão, ensinando-o a desprezar o corpo, como sendo o receptáculo de todos os vícios e, consequentemente, a causa de todos os pecados, não despertava mais os zelos de outro tempo.

Trouxe para aqui este quadro sombrio, esta mancha medievá, porque o seu desaparecimento coincidiu, como tinham notado já os sanzonistas, com o despertar da Arte.

E' certo que nunca, e a pesar de tudo, das colunas da Helada, do vale do Arno e do Tibre, se tinha evoluído o sentimento de beleza que para a eternidade erguera os seus artistas. As paisagens da Arcádia e da Etrúria, com suas linhas sinuosas mas puras, formadas de colinas perpetuamente iluminadas por um céu formosíssimo, continuavam acalentando a alma desse povo, alegre, espiritual, que voltaria a dar-nos os amantes singulares para as tragédias e poemas, e os artistas de génio que de novo fariam regressar a terra à sua idade de ouro.

Depois de historiar a infiltração do estilo gótico na península ibérica o professor sr. Tomás da Fonseca descreve com inextinguível clareza o estado de decadência a que foi levado o pómo de arte que é Santa Clara-a-Velha, fazendo acompanhar a sua descrição de elucidativas projecções luminosas.

No final o orador foi muito aplaudido.

De Franga à Índia, sem escala

que me... Se a punição... educação, não o é... em Bassora

A corrupção e desmoralização no Corpo de Bombeiros

Agora é o nosso informador que nos procura e que, mercê dum bem simulada indiferença segundo declaração sua sobre os casos ocorridos na Corporação, tem conseguido permanecer a coberto de quaisquer suspeitas. Sobre os pretensos informadores de *A Batalha* arquitetam-se as mais disparatadas conjecturas pintaladas de ruins planos de vingança que revelam bem a inferioridade mental e moral das criaturas que as ruminam. Pensa-se então já em vinganças? Desde o primeiro artigo publicado em *A Batalha* sobre este assunto, uma miserável agência de delação, que mete saias, se empenha em indicar nomes suspeitos de informadores.

Conquanto alguns indivíduos, com praça assente ou com afinidades na travessa da Agua de Flor, se entretenham espalhando aos quatro ventos a fatalidade em que eles próprios não acreditam de, no próximo Natal, o sr. António Maria da Silva se encontrar já apto a repetir a façanha dum seu correligionário, e por ele instigada, da leva para inóspitas e tormentosas plagas africanas de inocentes sem julgamento, tenho uma fundada esperança em que antes disso a Corporação estará liberta do vexatório regime do favoritismo pessoal que a oprime e humilha. Os escândalos são notórios, principalmente nas oficinas, e qualquer bombeiro poderia citá-los.

Não obstante a vigilância terrorista exercida pelos membros da já célebre Junta Governativa, *A Batalha* é lida e comentada como se esse perigo realmente não existisse. A propósito, um caso interessante: Ninguém se abalança a refutar as acusações feitas em *A Batalha*, como ninguém nega veracidade aos factos citados, excepto, é claro, aqueles a quem doem os mercedários castigos. Mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

E porque uma destas excepções resalta pela insolência dos termos referidos a *Batalha* e pelo despeito do seu autor, vamos citá-la, bem como uma das muitas razões que determinam tão infeliz atitude. Adoecendo uma dinastia preponderante, como já se lhe chama, e o adoptado para com um pobre velho há pouco falecido, após 35 anos de serviços prestados a Corporação, e que durante os dois últimos meses de tratamento era desmanadamente transportado numa carripa mais do que imprópria.

Todos os dias, depois do martírio da viagem, o desventurado procedia a um inventário aos ossos na incerteza de ter deixado algum pelo caminho. Eis uma das muitas razões por que *A Batalha* mereceu ao mencionado cavalheiro os termos em que se lhe referiu.

Das tremendas irregularidades cometidas nas oficinas, que já provocaram a um operário a ameaça de um dia gritar pela polícia; de actos de favor...

...que está para entrar no exercício das competentes funções, logo, largamente compensados por outros ao serviço dos quais se colocam o material e operários da corporação; de tudo que nela se passa dia a dia, de tudo, existe o competente "dossier", o qual, não sendo conveniente publicar-se nos jornais para não comprometer ninguém, produzirá, no entanto, as fatais consequências por forma mais concreta e segura.

O lugar de comandante do Corpo de Bombeiros não deve ser confiado a rapazes. E os que já dobraram a esquina do meio século envergonham-se, ao presenciar o caso inédito, nos annos do Serviço de Incêndios, do comandante de acavalheiros dos bombeiros no Coliseu dos Recreios. Aquella scena não dignificou ninguém. Nem quem cavalgou nem quem foi cavalgado. Daí a razão dos factos espantosos que ali se estão passando. Agora estão em risco de ser engajados uns tantos que dança da luta e que por conta dum empresário, — como por graça ali lhe chamam, — irão ao Brasil servir interesses inconfessáveis.

Compreendia-se que a convite de corporações congêneres a nossa fosse a qualquer parte fazer uma demonstração, não de exercícios antiquados que cheiram ainda a pau e corda e que em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, dotadas há muito de bom material, fatalmente chamaram sobre si um comprometedor ridículo, deixando lá uma noção errada do valor dos nossos bombeiros, mas doutros úteis e compatíveis com a sua índole. E' tempo de rompermos de vez com esses exhibicionismos grotescos que utilidade alguma têm.

Outro facto semelhante que necessário se torna apurar.

Os simulacros para filmar e grupos para fotografar a que se obriga o pessoal, às vezes aos domingos em que contavam passear ou descansar, exercícios que beneficiam, que nós sabemos, apenas as respectivas empresas.

Há em tudo isto um génio mau. E' o da dança da luta, o presidente da omnipotente "Junta Governativa", aquele a quem o comandante, numa tirada infeliz da sua fraca oratória, chamou seu braço direito, e que há de ser o seu cozeiro, se é que lhe não abriu já a sepultura. Falta queimar os últimos cartuchos que estão destinados a produzir sensação. — W.

Teatro Apolo

HOJE — Repete-se a TOSCA

A'manhã — Festa artística de ABILIO ALVES

SEVERA

Protagonista: Irene Goma

TIVOLI TELEFONE N. 5474 AS 21 HORAS A CHAMA PESADELOS E SUPERSTIÇÕES

NA MARINHA GRANDE

O escândalo do fornecimento de luz eléctrica teve como consequência deixar aquela vila às escuras

Tinhamos necessariamente que pegar na pena nesta ocasião especialíssima em que depois de uma festarola para inauguração de luz eléctrica, se vê tudo voltado à primeira forma e tudo como dantes, sem luz, completamente em trevas.

Neste caso de luz, nem uma pepita se rasgou para nos indicar o caminho da razão pura.

Quando a imprensa começou de atacar a Câmara da Marinha, os apaga-luzes, aqueles que como os cevados não veem senão o espaço estreito da poileira, proclamavam aos quatro ventos que a campanha era a sequência dum personalismo doentio animado pelo espírito de "revanche".

Os motores são novos, dizem então. Porém a tragédia acabou em farça. Os factos ali estão claros e indiscutíveis a provarem a sociedade de que lado se encontrava a leal e pura isenção, que a lealdade nos animava nobremente, que o que queríamos era obrigar a casa instaladora a encolher a pata a deitar fora a mascarilha de sahtia com que nos pretende ludibriar.

Não nos desarma o facto do sr. Carlos de Oliveira ter dito que a A. E. G. não precisa de tão pequenos negócios para viver. Os factos ali estão a desmentir as palavras do sr. Oliveira; eles ali estão claros, eloquentes e frisantes.

Chegou a nossa hora. E esta apreciação será dura e implacável! A Câmara nunca teve um passo no terreno da desconfiança. Nunca admitiu a possibilidade dos motores serem usados. Nunca se inclinou para escutar a voz autorizada dos mecânicos marinhenses.

Em compensação atendem a opinião dum mecânico da Figueira que teve por principal fim colectar a Câmara com 800 escudos de despesa, por um dia de visita.

Isto é absurdo, é simplesmente inconcebível.

Que nos diga Moraes, com sua voz forte e pausada, se temos ou não razão!

Que barafuste, que nos adjective de difamadores agora, quando a dois dias da inauguração Marinha Grande está sem luz, vivendo apenas com as bruxuleantes candeias, de notas officiosas.

Essas hipócritas satisfações que a Câmara está dando ao povo por meio das notas officiosas, é uma artefice em que não acreditamos e que só tem por especial particularidade provar-nos que a Câmara nunca recuou, porque... a Câmara nunca recuou, porque... a Câmara nunca recuou, porque...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

As outras casas que forneciam material de 1.ª deixaram em paz a câmara e a A. E. G. e todo o negócio.

Iniciou-se a montagem. Fez-se a instalação.

Esboçaram-se os ensaios e na Marinha, por noite alta, tremulizavam umas luzinhas que punham a população numa alegria e satisfação indizíveis.

Surge a campanha, fazem-se análises, os motores levam injeções, vem à Marinha o Carlos de Oliveira e surge no *Século* uma página de louvor à A. E. G.

As melhores casas da terra abriam amplamente as janelas mostrando a luz e para longe foi o agouro, de que os motores seriam efectivamente usados velhos como diziam certos escrevinhadores charros, almas de patifes e trahitantes.

Mas a câmara, como já dissemos, tem o serviço das notas officiosas. E uma delas dizia que a «bizarra» grande, necessitando duma reparação, não funcionaria tão depressa.

O motor pequeno iria aguentando com a rede pública e particular.

Sibilo outra nota comunica que ia ser cortada a luz pública.

Sorrindo-nos. A razão caminhava ao nosso encontro. A semana preterita outra nota avisa a população de que ia ser cortada a luz particular. Foi o diabo em figura de gente.

Os motores não recommençariam funcionando sem uma reparação mestra. Mas se eles pouco ou nada tinham trabalhado? — fizemos algo estupefactos.

A câmara nunca reuniu plenária votava a compra dum compressor de doze mil escudos para pôr o motor grande a trabalhar.

E fazia-o porque o motor grande não pegando com a terceira descarga esvasiava a botija.

Descarregada ela tornava-se impossível fazê-lo dar uma volta. Com o compressor acontece o que resa o popular rião: «Aqua mole em pedra dura, tanto bate até que fura».

A câmara que é manhosa não tomou conta da instalação.

Se ela temia a crítica...

Porém, quer-nos parecer que quando se faz uma inauguração deve estar tudo acabado, a noite, a noite, a noite, a noite...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

...que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores, que se acende ali a fúria dos nossos leitores...

O Fascismo

A simpática revista pedagógica *Educação Social*, pela pena de «Sedolico», pseudónimo que modestamente encobre uma das mais fulgurantes mentalidades desta terra e dos nossos tempos, publicou na sua secção «Factos e Documentos» este *suetosinho* que, por se adaptar justamente à situação presente, não resistimos à tentação de reproduzi-lo.

O «fascismo» e todos os regimes políticos que têm a veleidade de resolver os complexos problemas da vida social moderna, substituindo as obsoletas e falidas instituições, já impotentes e incongruentes, por outras ainda mais velhas e igualmente falidas, em que a violência autoritária lhes empresta uma aparente e efêmera vitalidade, não pode ser aceite perante a Sociologia e por quem tenha a mais rudimentar educação social.

O «fascismo» e congêneres soluções sociais são uma revivescência do passado, medrado em cérebros simplistas e orgulhosos, que, não raras vezes, mascaram uma profunda ignorância, um grosseiro empirismo incompatível com a índole positiva das soluções científicas; e assim têm a seu favor toda a ambiência de analfabetos e de semi-letrados, reaccionários, que vários factores convergentes criaram e de que é tipo modelar a linguagem casneira e violenta que empregam.

Essa atmosfera, alimentada por todas as forças do passado, não se purifica nem se sana com meras conferências, à la minute, em que os oradores apenas combatem os efeitos, deixando intactos e, até, elogiando incoerentemente, esses fundos e profundos factores que contribuem para a existência de um psiquismo retrógrado, fanático, autoritário, que conduz à aspiração e prática fascista.

A *Educação Social*, embora considere uma ingénua ficção a chamada *divisão dos poderes constitucionais*, condena toda a concentração de poderes. E' partidária, por definição, do progresso da liberdade e dignificação social, por meio da substituição dos poderes por uma descentralizada diferenciação de funções, desempenhada por órgãos naturais, especializados e autónomos, dentro da devida solidariedade social, humana.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa Operária de Consumo «A Oriental» — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral.

OS QUE MORREM

António Ferreira

ALMADA. — No lugar de Arraínela faleceu o sr. António Ferreira, de 75 anos de idade, sógo do tipógrafo Humberto de Carvalho, chefe da tipografia da Cooperativa Militar, e cujo funeral se









## A REACÇÃO EM MOÇAMBIQUE

### Os haveres dos trabalhadores foram desviados quando a sua casa estava selada pelas autoridades

**LOURENÇO MARQUES, 8 de Junho.**—Depois da enorme opressão a que foram sujeitos os trabalhadores desta terra começaram as concessões, em pequena escala, que por enquanto se cifram na entrega da Casa dos Trabalhadores e a permissão para as classes operárias reunirem e tratar dos seus legítimos interesses.

A pesar de ter sido a polícia que tomou conta da Casa dos Trabalhadores e, por seu turno, a ter entregue à tropa, não deixou por isso de ser fortemente roubada, pois desapareceram muitos objectos que a própria havia inventariado.

Reuniram-se, entretanto, nas salas respectivas, a Associação do Pessoal do Porto e Caminhos de Ferro, Construção Civil, comissão da Casa dos Trabalhadores e acionistas de O Emancipador. Das deliberações tomadas muito há a esperar, visto que todos se encontram com vontade de trabalhar no sentido de dar impulso à organização.

Pela Associação do P. P. e C. F. L. M. foram enviados telegramas para o ministro das Colónias, general Massano de Amorim, Confederação Geral do Trabalho, Federação Ferroviária de Portugal, A Batalha e organizações operárias sul-africanas.

Também foram saudados os presos de Moçambique, sendo louvadas todas as entidades que prestaram todo o seu auxílio durante o império da força que ameaçou esmagar tudo e todos.

—Consta que a Reorganização dos Serviços Ferroviários, obra que motivou muita desgraça, foi aí rejeitada pelo Conselho Colonial. Oxalá seja verdadeira a informação.

—Os guindastes do porto não têm funcionado regularmente por causa da falta de pessoal competente. Prefere-se que os antigos marinheiros continuem arrastando uma vida de privações por não terem onde empregar a sua actividade.

—Em minha correspondência anterior disse que havia necessidade de se fazer a substituição duma meia dúzia de funcionários, cuja permanência aqui se torna prejudicial à administração da província. Pois a pesar das acusações públicas que se lhes têm feito, tais senhores continuam por cá e até procuram mandar prender os acusados.

Isto só prova que a sua moral está abaixo de zero. Ainda não apareceu nenhum que tivesse a coragem de pedir uma sindicância aos seus actos. Para melhor assegurar os altos cargos que esses indivíduos ocupam organizou-se um grupo denominado Acção Nacional, que apoia todos os governos. Assim, ontem apoiava os democráticos e hoje já estão incondicionalmente ao lado da nova situação política, que nos parece não ser ainda clara. Este grupo não tem convicções nem ideias e a população, quase o não conhece, mas ele para dar ares de organismo importante vai enviando telegramas para a metrópole fazendo ver que é a única força em que podem confiar os governantes do Terceiro do Paço. Da mesma forma, que a imprensa costuma avisar, tentando-lhe os das manobras dos vigaristas.

Foi nesta que o meu dever avisando Lisboa que favel social e Acção Nacional nada é e nada cência detentiva.

O artigo deve sair este mês o órgão dos trabalhadores que começará a desvendar os planos da duma quadrilha que tudo tem feito para dominar nesta terra.

—Em Moçambique foram postos em liberdade os camaradas Manuel Joaquim da Silva, Nuno Pedro e Zwinglio Peres da Luz, que para ali tinham sido deportados. Vai-se tratar de reclamar o seu regresso a Lourenço Marques, de onde nunca deviam ter saído.

—Depois das torturas levadas a efeito no Comissariado de Polícia surgiram novas torturas a pesar dos presos sociais estarem entregues em juízo.

Quem se queixe de estar doente é violentamente arrastado para o segredo, fazendo-se salientar nessas perseguições uma pessoa que diz ser parente do comissário de polícia assassinado.

Contra esta desumanidade, apresentamos o nosso protesto e solicitamos a interferência da Organização, pedindo aí ao sr. Ministro da Justiça que telegraficamente ponha cõbo a tais represálias visto que não há aqui autoridade de quem se possa reclamar contra tais desumanidades.

Os presos continuam a ser visitados somente durante 15 minutos e com polícia ao pé.

No Conselho Legislativo foi fortemente atacado o Secretário do Fomento, Craveiro Lopes, pelas suas medidas na inteligência na distribuição de gratificações aos que prestaram serviços durante a greve.

Pelo relato que fazem os jornais, pode-se avaliar desta competência e deste grande valor.

—Aberta a inscrição para antes da ordem do dia, o sr. Secretário do Fomento, engenheiro Craveiro Lopes, usou da palavra pretendendo justificar o não funcionamento da Comissão Urbana de Lourenço Marques por falta de quatro indígenas, tendo o vogal sr. dr. Archer e Silva expressado o seu pânico pela inverosimilhança do fundamento alegado, a seguir pretendeu ainda o sr. Secretário do Fomento justificar perante o Conselho a interposição que na sessão anterior lhe fora feita pelo vogal sr. Archer e Silva, relativamente a uma recusa de licença a um funcionário dos caminhos de ferro e após considerações várias, reconhecendo o direito que ao empregado visado assistia no deferimento da sua pretensão, declarou que nem sempre prevalecia o bom senso, mas sim o cumprimento da lei; fí-lo, então, continuando no uso da palavra, o sr. Secretário do Fomento pretendeu justificar a concessão de gratificações concedidas nos caminhos de ferro, durante e após a greve, assunto sobre o qual também deteve a última sessão, e alegou em nome dos bons serviços prestados pelos mesmos, contemplados e, com ênfase e calor que os oradores não podem ser atribuídos como frequentes afirmou que uma das razões que o levaram a propor e a dar as gratificações cuja legitimidade se discutia, tinha sido o facto de ter havido atentados vários contra a educação, a cultura e a civilização.

O sr. Archer da Silva agradecendo a explicação retorquiu, com desusada calma mas com a sua habitual ironia, que lhe era extremamente difícil alcançar o efeito do que acabava de ouvir, sobretudo não podendo compreender como as gratificações podiam garantir aos contemplados a sua imunidade das balas e das emboscadas. No entanto, subsistia a sua afirmação de que tinha sido ilegal a concessão de tais gratificações. O dr. Baeta Neves, dando o seu apoio ao dr. Archer da Silva, declara que os gratificados foram concedidos ilegalmente desrespeitando o expresso no artigo 170 da Reorganização dos C. F. L. M., que autoriza o máximo de 30 dias de vencimento como gratificação, ao passo que alguns receberam para cima de 300 libras. Aponta a abnegação da polícia e dos seus dirigentes que mais que ninguém se sacrificaram durante o período anormal da greve, e que estavam satisfeitos com os louvores, sem quererem gratificações que não eram a verdadeira compensação para a nossa indolência de latinos. Outro edificante exemplo de dedicação e desinteresse está personificado no comandante Capelo que dirige o serviço de faros desistindo da sua própria subvenção e sacrificando a sua saúde bastante abalada. A estes argumentos que mereceram o apoio do Conselho, retorquiu o interposto que, embora a medida não tivesse sido legal, entendeu, devido a circunstâncias anormais várias, adoptá-la. Nesta altura o dr. Archer e Silva declarou não perceber que princípios adoptava o sr. Secretário do Fomento que acabava de se contradizer, pois nesse caso, sua ex.ª punha pelo cumprimento da lei com manifesto prejuízo do bom critério, e logo seguidamente calando a lei pretende fazer vingar o que sua ex.ª —em sua opinião— reputa ser de bom critério. O interessante, disse o sr. Archer e Silva, era reparar-se no singularíssimo facto de o único engenheiro que havia sido alvejado a tiro ser justamente o que não fora contemplado com gratificação alguma.

P. S.—Disse-vos que o jornal Acção Nacional tinha sido composto por pessoal da Imprensa Nacional para esse motivo mandado trabalhar extraordinariamente. De facto foi pessoal da Imprensa mas que voluntariamente quis ir e somente pessoal indígena pois o europeu não quis aceitar tal convite.

Rectifico em nome da verdade.

**Uma carta dos deportados na Guiné a propósito duma entrevista**

**BOLAMA, 18 de Junho.**—Como o governador da província, tenente-coronel sr. Velez Carozo, na sua ida a Lisboa, concedeu uma entrevista ao *Século*, publicada em 26 de março p. p., a qual não corresponde inteiramente à verdade, entendemos esclarecer o seguinte:

Diz o sr. governador não ser verdade termos ido combater, junto das tropas, os negros sublevados e que a sublevação já tinha acabado. De facto não fomos combater, mas exigiram-nos que empunhassemos armas para tal fim, o que recusámos. Afirmamos o mesmo senão que os nossos camaradas que morreram na ilha de Canhabaque «morreram lá como poderiam morrer em qualquer outro ponto da província». Isto é verdade, mas não diremos que só devido ao abandono a que se é votado naquela ilha. É certo que chegámos a estas paragens numa época muito má, mas o que não há dúvida é que as doenças que nos têm atacado e já mataram quatro camaradas nossos, são também devidas à nenhuma consideração pelas nossas vidas. Diz que nos revoltámos para o matar com recio que nos revoltámos. Isto é um disparate, porque bem sabia que não nos era possível, pois nos encontrávamos abalados de saúde, e além disso havia um numeroso grupo de sentinelas à volta da prisão que nos aniquilariam num instante. De resto, o sr. governador sabe que estivemos onze dias sem ser guardados e durante esse tempo não demos motivo para cair sobre nós a vigilância de que depois fomos alvo e bem assim sermos desterrados para a «ilha da morte», onde iam pintar portas conforme, antecipadamente, «amigavelmente» nos informou o capitão sr. Horácio Marques. As tais portas nunca as vimos na ilha célebre.

O dito governador afirma também que os que tinham profissões se ocupavam nelas e os restantes iniciaram-se. Isto é menos verdade pois que ainda alguns se encontram sem colocação em virtude do governo da província não providenciar, como devia, no sentido de evitar que os desempregados continuem a não ter onde empregar a sua actividade, como é seu desejo.

O sr. governador disse também que agora ninguém é capaz de dizer que somos os mesmos que puzeram a capital do país em sobressalto. Quer isto dizer: que estamos regenerados. Em face de tão disparatada afirmação, replemos o entrevistado a provar que somos nós os indivíduos a que alude. Em que tribunal se apurou a nossa culpabilidade nos actos de que nos acusam?

Também é menos verdadeiro não desejarmos regressar à metrópole. Nada temos de comum com a carta de qualquer camarada, que será sempre de carácter individual.

Fica desta forma reposta no seu lugar a verdade que muito prezamos. —Os operários deportados na Guiné: *Alfredo Pereira Vaz, Mário Gonçalves, António Dias, José Rodrigues de Almeida, Pedro Guida de Oliveira, Luís Santos Oliveira* etc.

**SOCIEDADES DE RECREIO**

**Grupo dramático «Os Combatentes».**—Para eleição da direcção e dos conselhos técnico e scenico, reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

**Troupe de Bandolinistas «Os Li-ras».**—assembleia geral reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

### Erros e perigos do terrorismo

Outra fonte de erros e de culpas gravíssimas tem sido o modo como muitos interpretaram a teoria da violência.

A sociedade actual mantém-se com a violência das armas. Nunca classe oprimida alguma conseguiu emancipar-se sem recorrer à força; nunca as classes privilegiadas renunciaram a uma parte, minúscula embora, dos seus privilégios, senão pela força, ou por medo à força.

As instituições sociais presentes são tais que se torna impossível transformá-las por meio de reformas graduais e pacíficas, e impõe-se a necessidade de uma revolução violenta que, violando, destruindo a legalidade, funde uma sociedade sobre novas bases. A obstinação, a brutalidade com que a burguesia responde aos mais anódinos pedidos do proletariado, demonstram a fatalidade da revolução violenta. É, pois, lógico e necessário que os socialistas, e especialmente os anarquistas, sejam um partido revolucionário e prevejam e apressem a revolução.

Mas, desgrazadamente, há nos homens uma tendência a confundir o fim com os meios; e a violência, que para nós é e deve continuar a ser uma dura necessidade, converteu-se para muitos em fim único da luta. A história está cheia de exemplos de homens que, tendo começado a lutar por um fim elevado, perderam no calor da refrega todo o domínio sobre si mesmos, e perdendo de vista o fim alvejado, se transformaram em feras carniceiras. E, como o demonstram factos recentes, muitos anarquistas não escaparam a este terrível perigo da luta violenta. Irritados com as perseguições, enlouquecidos com os exemplos de cega ferocidade que a burguesia dá diariamente, começaram a imitar o exemplo dos burgueses, e o espírito de amor foi suplantado pelo de vingança, pelo de ódio. E, como os burgueses, chamaram justiça ao ódio e à vingança. Depois, para justificar os seus actos, que podiam entretanto explicar-se como efeito das horríveis condições do proletariado e servir como uma razão mais para invocar a destruição de uma ordem de coisas que produz tão tristes resultados, alguns começaram a formular a mais estranha, a mais fanática, a mais autoritária das teorias, e sem reparar na contradição, apresentaram-na como um novíssimo gressão da ideia anarquista. Eles, que aliás se dizem ao mesmo tempo deterministas e negam toda a responsabilidade do estado actual de coisas, encontrando-os não são os burgueses conscientes que fazem o mal sabendo que o fazem, não são burgueses porque assim nasceram, e nunca a si próprios perguntaram o porquê da sua situação; mas até entre a massa de trabalhadores que, suportando a opressão sem revolta, são o seu principal esteio; e para todos decidiram...

...a pena de morte! E até houve quem delirasse sobre não sei que «responsabilidade potencial» para resolver o exterminio das mulheres grávidas e das crianças! Alguns que com razão negam aos juizes burgueses o direito de aplicar uma hora que seja de cadeia, fazem-se árbitros da vida e da morte dos outros e chegam a dizer que se tem o direito de matar quem não pense como nós! Parece incrível e muitos não quererão acreditar. E no entanto, há tempos, todos podiam ler num jornal «anarquista» palavras como estas: «Em Barcelona estalou uma bomba num procissão religiosa, deixando no solo 40 mortos e não sabemos quantos feridos. A polícia prendeu mais de 90 anarquistas com a esperança de delatar a mão do heróico autor do atentado.» Nenhuma razão de luta, nenhuma desculpa, nada; e heróico matar mulheres, crianças, homens inermes, porque eram católicos! Isto é pior do que a vingança, é o furo doentio do místico sanguinário, é o holocausto sangrento nas aras dum deus... ou duma ideia que o final dá na mesma. O Torquemada! O Robespierre!

Apresse-mo a declarar que a grande maioria dos anarquistas espanhóis protestaram contra o acto insano. Mas há também quem se chame anarquista e louve o acto, e isto basta para que o governo finja misturar todos num feixe e o público os confunda a valer.

Oritemo-lo com força e sempre: os anarquistas não devem, não podem ser carristas; são libertadores. Não odiemos pessoa alguma; não lutamos para nos vingar, nem para vingar os mais; queremos o amor para todos, para todos a liberdade.

Pois que a actual fatalidade social e a obstinada resistência da burguesia obrigam os oprimidos a empregar a força física como último recurso, não recusemos ante a dura necessidade e preparemo-nos para usá-la vitoriosamente. Mas não façamos vítimas inúteis, mesmo entre os inimigos. O próprio fim pelo qual lutamos nos força a ser bons e humanos mesmo no meio do furor da batalha, de outro modo, não se explica como poderíamos querer lutar por um fim como o nosso, se não fôssemos bons e humanos. E não nos esqueçamos de que uma revolução libertadora não pode sair do exterior, e do terror, que foram e serão sempre geradores de tirania.

**Errico MALATESTA**

**AS GREVES**

**NO ESTRANGEIRO**

**Uma vitória de operários têxteis norte-americanos**

**CARBONDALE.**—Os trabalhadores empregados nas fábricas de tecidos de seda da Empire Silk Co., de Carbondale, Pa., declararam-se em greve, pedindo um aumento de salário e melhoramentos das condições de trabalho. Após uma semana de greve, em que se mantiveram firmes no seu posto os 150 grevistas, os patrões decidiram atender as suas reclamações. A maioria dos grevistas eram mulheres e filhas dos mineiros das proximidades, e estão organizadas na United Textile Workers Union. E é deste modo que o operariado americano consegue disfrutar aquele bem-estar que muitos intrusos pretendem atribuir à bondade dos seus patrões.

### O irredentismo de Tacna e Arica é um negócio do capitalismo americano

Diversas vezes o público tem sentido a sua imaginação ferida por estas duas palavras que são já uma expressão da política internacional — *Tacna e Arica*. É aquele conflito de soberania, com aspectos bélicos, que se tem vindo a debater lá, longe, nessa América meridional que para quasi todos os europeus tem encantos misteriosos.

O litígio data de quarenta anos. Após a guerra entre o Chile e o Peru, que decorreu desde 1879 até 1883, o Peru cedeu ao inimigo, por dez anos, as províncias de Tacna e Arica. Decorridos os dez anos da cláusula, um plebiscito deveria fixar o destino dos territórios em litígio.

Porém, o plebiscito não se realizou ao findar o prazo acordado. Os chilenos haviam preparado a posse definitiva dos territórios, fazendo-lhes largas obras de irrigação agrícola e construindo duas grandes linhas férreas. Assin, foram absorvendo o elemento peruano.

Quarenta anos deste regime permitiram ao Chile assegurar-se confiantemente do triunfo do plebiscito. O Peru, porém, ripostou que o tratado não fora cumprido, pois o plebiscito não se fizera na devida data, e Tacna e Arica deveriam ser-lhe entregues sem mais consulta.

Como os dois países não chegassem a acordo, submetteram a questão à arbitragem da república dos Estados Unidos, cujo presidente, o sr. Coolidge, prescreveu a realização do plebiscito.

Uma comissão formada por um delegado chileno e outro peruano e de um representante norte-americano, que foram, primeiramente, o general Pershing — que comandou as tropas americanas em França, na guerra europeia — e, depois, o major Lanser, receberam a missão de fixar as condições do plebiscito.

As dificuldades, porém, têm sido impeditivas. O representante americano começou exigindo que o Chile reduzisse os seus efectivos militares de ocupação nas províncias contestadas. O delegado chileno retorquiu que nesta pretensão se procurava favorecer o Peru. E em volta desta divergência decorreram longas conversações, intercadas de ameaças, sem que uma intervenção do presidente Coolidge tivesse qualquer efeito, porquanto, ambos os contendores acusavam os Estados Unidos de parcialidade na arbitragem.

Até que o Chile se decidiu a reocupar militarmente as duas províncias em litígio. As tropas que tinham sido retiradas por ordem da comissão do plebiscito voltaram aos seus pontos de ocupação e o próprio edifício onde se reunia a comissão plebiscitária foi tomado por um regimento.

Para que se demonstre que no litígio de Tacna e Arica apenas se encontram em causa os interesses dos capitalistas, basta analisar-se que os Estados Unidos mostram preferência pelo Chile porque as exportações americanas para este país excedem sete milhões de «dollars» as exportações para o Peru. Porém, o subsolo peruano é muito mais rico que o chileno, havendo nele importantes jazigos de petróleo. Qualquer decisão do pleito beneficiaria com enormes lucros o capitalismo norte-americano, mas favorecer o mais poderoso não deixa de ser boa política.

Estas duas repúblicas, o Peru e o Chile, parecem predestinadas ao sucesso das operetas com o seu irredentismo que fala a mesma língua e não difere de costumes.

**Prossegue a greve académica**

Foi publicado no *Diário do Governo* o seguinte decreto, da autoria do ministro da Instrução, destinado a fazer cessar o conflito académico:

«Artigo 1.º — São relevadas as faltas das das pelos alunos desde a data do abandono das aulas.

Art. 2.º — Para os alunos do presente ano lectivo, além das épocas normais de julho e outubro, é excepcionalmente estabelecida uma época de exames em dezembro.

Art. 3.º — Os conselhos escolares, tendo em vista os interesses da instrução, prolongarão os trabalhos práticos durante o tempo que entenderem conveniente, no período de outubro a dezembro, de forma que, sem perda do actual ano lectivo, os alunos possam obter frequência nos termos legais em vigor.

A pesar do decreto, a greve académica prossegue. Prossegue por não estarem ainda resolvidas as questões respeitantes ao título de engenheiro e ao professorado das Escolas Comerciais e Industriais. O decreto limita-se, como da sua leitura se depreende, a permitir que os grevistas possam ir a exame.

**A ORGANIZAÇÃO OPERARIA**

Por motivo da constituição do Sindicato Unico dos Operários da Indústria Vinícola do Porto e Gaia, fica prevenida toda organização operária que se encontram dissolvidos os sindicatos dos Tanoeiros, Trabalhadores de Armazens de Vinhos, Caixa-teiros e Fabricantes de Capas de Palha para Garrafas, que assim constituídos num só organismo são dentro do mesmo simples secções profissionais em harmonia com o preceituado no novo estatuto.

A sua sede continua sendo na rua General Torres, 143, 1.ª, Vila Nova de Gaia, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

**A Comissão Administrativa**

**CRISE DE TRABALHO**

**Operários licenciados das Obras do Estado**

Convidam os operários licenciados e válidos a reunirem-se hoje, pelas 10 horas da manhã, na travessa do Oleiro, 13, a continuação dos trabalhos realizados na reunião de segunda-feira passada.

**ASSINEM Os mistérios do ovo**

### A boa doutrina

Educação moral da enfermeira

*Arquivo do Enfermeiro*, a notável revista profissional dos enfermeiros portugueses, publica no seu último número um interessante artigo com o título supra, que não resistimos à tentação de transcrever.

No referido artigo a sua autora, uma das mais distintas enfermeiras dos nossos hospitais que se oculta sob o pseudónimo *Veritas*, traça, com admirável brilho, o papel que está reservado à nossa enfermeira dentro da sua altruística função.

É um artigo digno de figurar nas colunas da *Batalha* e para o qual chamamos a atenção dos nossos presados leitores:

A arte de tratar dos doentes carinhosa e inteligentemente é um dos mais belos dotes da mulher.

Não basta ter um diploma, é preciso saber engrandecer e dignificar a missão que a Sociedade nos encarrega, e assim nos elevaremos aos olhos de todos e dos mestres; não é necessário possuir-se diferentes cursos superiores, o que se torna imperioso é que a mulher possa aliar os dotes morais para o bom desempenho da sua nobre missão.

E assim cõscia dos seus deveres e comprometida do papel a desempenhar ela possa fazer realçar com a sua competência moral o brilho a que a sua profissão tem jús, pelo respeito e veneração que a mulher deve ter no desempenho de tão ingrata missão.

É preciso resurgir!! Imperioso se torna que a enfermeira portuguesa levante a sua profissão ao nível da enfermeira inglesa.

É necessário que se encare bem este difícil problema da educação moral da enfermeira, dentro e fora dos hospitais.

Aprendamos a obedecer para sermos obedecidos, aprendamos a respeitar para sermos respeitadas.

Faça-se um recrutamento rigoroso na mulher que ha-de ser a enfermeira.

Não basta a simples folha corrida, muitas vezes passada por dó, investigue-se quais as suas condições morais, a convivência, a educação recebida no lar, o seu passado, haja escripturas na escola e assim será feita uma verdadeira selecção.

Pela experiência constatamos que nem a todas as camadas sociais se pode ir escolher a enfermeira.

E quando se fizer a escolha com as cautelas devidas, em vez de utopias termos assegurado o engrandecimento de uma classe prestimosa e assegurada o bem estar do infeliz que o Destino coloca diariamente no nosso caminho, e poderemos os enfermos estar certos que dentro dos hospitais estão bem, senão melhor que em suas próprias casas, pois devem poder contar com a proficiência, dedicação e desinteresse do pessoal de enfermagem.

E assim a enfermeira exercerá a sua profissão com mais prazer, porque verá chegar o dia em que pode triunfar do servilismo em que a falta de educação moral a colocou.

Que todas as enfermeiras se possam impor pelas suas qualidades morais. E assim os clínicos terão nelas os melhores auxiliares em que possam depositar toda a confiança profissional.

Não queremos dizer que a dentro dos Hospitais não haja já hoje a quem preste as minhas homenagens, mas é preciso educar e preparar as futuras.

E então veremos coroado de êxito os nossos esforços!

Trabalhar para o engrandecimento da enfermeira, deverá ser a justa aspiração da classe, mas é preciso coesão e sem ela não se conseguirá a solução desejada para resolver tão delicado problema.

Eduque-se a enfermeira moral e profissionalmente e então poderemos dizer com orgulho que a mulher em Portugal regida contra a dissolução da hora actual soube emancipar-se.

**VERTAS**

**A questão mineira**

**A proposta governamental de agravar o conflito**

**LONDRES, 29.**—Sir Arif Steel Esitland, ministro do Trabalho, fez ontem uso da palavra na Câmara dos Comuns, ao debater-se, em segunda leitura, a proposta de lei sobre o aumento das bas de trabalho na indústria mineira.

O ministro considerou a proposta muito simples, pois permitiu aumento apenas durante um período de cinco anos, sendo essencial para a realização da respectiva sentença para a fim de impedir uma maior redução de salário além das pequenas percentagens propostas, e que, no entanto, é possível que a sejam necessárias.

Referindo-se a propostas nacionalização ou unificação, afirmou perentoriamente que não resolveria a situação.

Depois aludir aos ataques feitos ao governo, a propósito da presente e grave crise da indústria mineira do carvão, o ministro do Trab. declarou que ela é de excepção e, portanto, exigindo medidas de excepção.

O socialista Stephen Walsh apresentou uma moção rejeitando a proposta governamental, por considerar uma medida favorável aos patrões, o que só poderá agravar o conflito, além de levar os mineiros ingleses a trabalhar mais meia a uma hora por dia e os seus camaradas doutros países.

John Simon, liberal, afirmou que tal proposta não tem a sanção da comissão oficial do carvão, a qual semelhante proposta apresentada pelos proprietários das minas, e por ela rejeitada.

Vários oradores trabalhistas que se seguiram no uso da palavra opuseram-se tenazmente à proposta governamental.

**A atitude da Federação Mineira**

**LONDRES, 29.**—A comissão executiva da Federação dos Mineiros reuniu-se hoje, mantendo-se em sessão permanente durante toda a manhã, a fim de deliberar sobre a situação criada pelo dia de oito horas de trabalho, cuja proposta de lei deve entrar em terceira leitura, na Câmara dos Comuns, na próxima quinta-feira.

### Vida Sindical

C. G. T.

**Conselho Confederal**

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

**CONVOCAÇÕES**

**REUNEM-SE HOJE**

**Impressores Tipográficos.**—Para assuntos de grande importância, a direcção às 21 horas.

**Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra.**—Pelas 18,30 horas para substituição do delegado efectivo da classe.

**DIAS PROXIMOS:**

**Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.**—O secretariado amanhã pelas 21 horas.

**Federação da Construção Civil.**—Amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

**S. U. da Construção Civil.**—Reúne-se na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, a comissão administrativa com o cobrador José Carvalho.

**JOVENTUDES SINDICALISTAS**

**Núcleo de Lisboa.**—Reúne hoje, pelas 21 horas, o secretariado central.

**A censura à imprensa**

O *Comércio do Porto*, órgão conservador, publicou um artigo em que revela o seu pensamento acerca do regime de censura a que a imprensa está sujeita. Dêsse artigo extraímos as seguintes passagens:

«A censura prévia, seja qual for a forma por que se estabeleça, é sempre, em todas as circunstâncias, um atentado contra a liberdade de imprensa.

«É um erro político — por demais tem sido demonstrado e comprovado.

«E é um erro político, não só por ir de encontro a princípios fundamentais do Direito Político, mas também, e sobretudo, por fazer recair desconfiança sobre as instituições e os homens que as servem. Quem pretenda o silêncio da imprensa, ou procure influir sobre o livre exercício de crítica pela imprensa mostra arreacar-se dessa crítica, por praticar ilegalidades, por cometer erros — é o critério geralmente seguido e não se pode dizer que haja seguros argumentos para se lhe opor.

Basta um sinal do exercício da censura oficial sobre a imprensa para, desde logo, se formar no grande público a convicção de que se pretende ocultar a verdade, tornar desconhecidos factos censuráveis, obter campo livre e descontrolado para a prática da censura.

E, diga-se a verdade, muitas vezes, não é bem assim. A censura nos jornais é determinada apenas por mero comodismo, por ignorância dos males sociais resultantes da atrofiação da liberdade da imprensa.

Comodismo ou ignorância é, todavia, um erro gravíssimo.

Pode afirmar-se, sem receio de errar, que os maiores atropelos contra a liberdade de imprensa têm coincido com os mais graves momentos da nossa vida nacional, correspondendo a esses momentos à gestão de crises temerosas.

Não há bons propósitos que resistam à acção dissolvante dos ataques à liberdade da imprensa. Em 1896 e em 1906, tudo parecia disposto para se entrar no caminho de reformas salutares e na correcção de erros julgados fatais para a administração do Estado. Formou-se uma atmosfera de confiança em torno do estadista que presidia ao governo e que, por escrito e em comícios se declarou disposto a trilhar caminho diverso do seguido pelos seus antecessores.

Em determinado momento, principiou, porém, esse estadista a perseguir a imprensa, a vexá-la com medidas insensatas. Não foi preciso mais nada para a sua obra se desmoronar e para ninguém mais ter confiança na acção construtiva da política anunciada como de caloroso e seguro êxito.

Esquecem geralmente os estadistas este grande aforismo: *A imprensa parece-se com as torrentes em enfurecer-se com a resistência*. Sejam quais forem as peias opostas à expansão do pensamento, ele vence todas as peias.

Há quem abuse da liberdade de imprensa — dir-se-há.

Assim é. Sucede isso com todas as liberdades. Por isso se estabeleceram sanções e há órgãos que efectivam essas sanções.

A censura prévia não representa sanção alguma; consiste apenas numa medida que se julga preventiva do abuso e que, afinal não passa de um estimulante ao abuso.

**SOLIDARIEDADE**

A Secção dos Estudantes do Sindicato da Construção Civil agradece a todos os camaradas que se interessam pela situação de Augusto Abrantes e devido aos quais se entregou aquele enfermo a importância de 113\$00.

**Academia de Amadores de Música**

Efectua-se hoje na Academia de Amadores de Música um concerto que fechará longa série que esta instituição realizou nesta época. Colaboram nesta sessão artistas Manuel dos Santos, violoncello, Alberto Querreiro, canto; José Novais piano; Marina de D'Almeida, violino; Celeste Belo de Carvalho, violino; e grupo coral do «Renascimento Musical» que agrupam como solistas Armin Correia soprano; Maria Helena Varela C. contralto; Mario de Sampaio Ribeiro, tenor; e Alberto Querreiro, baixo. Acompanhamento de orquestra de arco de órgão ou grupo coral de Renascimento realizará integralmente o magnífico «H de Santa Cruz», (Vexilla Regis Prode) de Mario de Sampaio Ribeiro. Os concertos de piano são feitos pelas professoras Cecília Borba e Maria Beatriz Soares, contendo o programa obras Fauré, Lalo, Schumann, Gótschne, Respighi, Falla, J. S. Bach, Pugnani, Koe ter, etc.